



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS - CCHE  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**CAROLINE DA SILVA SOARES**

**O PORTUGUÊS BRASILEIRO EM FOCO: O USO DO PRONOME RETO DE  
TERCEIRA PESSOA EM FUNÇÃO DE OBJETO EM MEMES EM REDES SOCIAIS**

**MONTEIRO  
2018**

**CAROLINE DA SILVA SOARES**

**O PORTUGUÊS BRASILEIRO EM FOCO: O USO DO PRONOME RETO DE  
TERCEIRA PESSOA EM FUNÇÃO DE OBJETO EM MEMES EM REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
licenciatura em Letras.

**Área de concentração:** Linguística.

**Orientadora:** Profª. Ma. Larissa Gabrielle  
Lucena Marques.

**MONTEIRO  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S676p Soares, Caroline da Silva.

O português brasileiro em foco [manuscrito] : o uso do pronome reto de terceira pessoa em função de objeto em memes em redes sociais / Caroline da Silva Soares. - 2018.  
45 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Larissa Gabrielle Lucena Marques, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Substituição pronominal (Memes). 2. Redes sociais. 3. Pronomes retos. 4. Pronomes oblíquos.

21. ed. CDD 415

CAROLINE DA SILVA SOARES

O PORTUGUÊS BRASILEIRO EM FOCO: O USO DO PRONOME RETO DE TERCEIRA  
PESSOA EM FUNÇÃO DE OBJETO EM MEMES EM REDES SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
licenciatura em Letras.

Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 12/06/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

Larissa G. Lucena Marques  
Profa. Ma. Larissa Gabrielle Lucena Marques (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Camilla Maria Martins Dutra  
Profa. Ma. Camilla Maria Martins Dutra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Unifacisa)

Raiana Gomes da Costa Lacet  
Profa. Ma. Raiana Gomes da Costa Lacet  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais: Edivânia Basílio da Silva e Cícero  
Sonielson Campos Soares pelo incentivo, carinho e  
amizade, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por conseguir concluir o curso, apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo desses quase 4 anos de UEPB.

Aos meus pais Cícero e Edivânia, por sempre me incentivarem a estudar e a buscar sempre o melhor para o meu futuro.

Ao meu namorado Duilio, pela compreensão e pelo incentivo todas as vezes que pensava em desistir do curso, em meio aos obstáculos que enfrentei.

À minha orientadora, Larissa Lucena, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e por todo incentivo que me deu para a realização desta pesquisa.

Aos professores da banca examinadora, Camilla Martins por toda a ajuda e orientações durante a construção do meu projeto de pesquisa, e Raiana Lacet pela colaboração e disponibilidade.

Aos professores do Curso de Letras-Português da UEPB, os quais, sem sombra de dúvidas, contribuíram ao decorrer do curso, por meio das disciplinas e debates, para o meu desenvolvimento acadêmico e individual.

Às minhas colegas de classe pela amizade e companheirismo, em especial, Adriana Pereira, com quem firmei uma amizade além dos muros da UEPB.

*A língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações.*

Marcos Bagno

## RESUMO

Esta monografia trata sobre a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa em memes em redes sociais. Assim, objetiva estudar o fenômeno da substituição de pronomes oblíquos por pronomes do caso reto como objeto em memes em redes sociais. Apresenta uma análise de sete exemplares do gênero meme retirados de diversas páginas das redes sociais como Facebook e Instagram, os quais dividem-se em duas categorias: a primeira conta com cinco memes que apresentam o uso do pronome reto de terceira pessoa como objeto direto e a segunda com apenas dois memes que apresentam o emprego do pronome clítico de terceira pessoa como objeto. A pesquisa é de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Quanto aos procedimentos de coleta dos dados, é classificada como documental. Possui como aporte teórico os estudos de Neves (2013), Cunha (2016), Castilho e Elias (2015), Batista (2011), Bagno (2004), Silva e Silva (2014), Marcuschi (2007; 2008), Bakhtin (1997), Decat (2008), Souza (2013), dentre outros. Os resultados apontam que a substituição do pronome clítico como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa ocorre de forma recorrente nos memes, o que reforça esta como uma característica própria do português brasileiro (PB). Ademais, percebe-se, através da segunda categoria da análise, que há um processo de apagamento dos clíticos no PB devido aos poucos casos de sua utilização nos memes.

**Palavras-Chave:** Substituição pronominal. Português brasileiro. Memes.



## RESUMEN

Esta monografía trata de la sustitución del pronombre clítico de tercera persona como objeto por el pronombre recto de tercera persona en memes en las redes sociales. De ese modo, objetiva estudiar el fenómeno de la sustitución de pronombres oblicuos por pronombres del caso recto como objeto en memes en las redes sociales. Presenta un análisis de siete ejemplos del género meme retirados de diversas páginas de las redes sociales como Facebook y Instagram, los cuales se dividen en dos categorías: la primera cuenta con cinco memes que presentan el uso del pronombre recto de tercera persona como objeto directo y la segunda con solamente dos memes que presentan la colocación del pronombre clítico de tercera persona como objeto. La investigación es de enfoque cualitativo, exploratorio y descriptivo. En lo que respecta a los procedimientos de recogida de datos, es clasificada como documental. Posee como aporte teórico los estudios de Neves (2013), Cunha (2016), Castilho e Elias (2015), Batista (2011), Bagno (2004), Silva e Silva (2014), Marcuschi (2007; 2008), Bakhtin (1997), Decat (2008), Souza (2013), entre otros. Los resultados apuntan que la sustitución del pronombre clítico como objeto por el pronombre recto de tercera persona ocurre de forma recurrente en los memes, lo que fortalece esta como una característica propia del portugués brasileño (PB). Además, se percibe, mediante la segunda categoría del análisis, que hay un proceso de borradura de los clíticos en el PB debido a los pocos casos de su utilización en los memes.

**Palabras-clave:** Sustitución pronominal. Portugués brasileño. Memes.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
<b>2.1 Teoria funcionalista</b> .....	14
<b>2.2 A classe dos pronomes e a ocorrência do pronome reto <i>ele</i> como objeto direto</b> .....	16
<b>2.3 Gêneros textuais em contexto digital</b> .....	21
2.3.1 As redes sociais .....	23
2.3.1.1 <i>Os memes e a origem do termo</i> .....	24
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	28
<b>3.1 Descrição dos dados coletados e dos procedimentos de análise dos dados</b> .....	29
<b>4 OS USOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: SUBSTITUIÇÃO PRONOMINAL EM MEMES</b> .....	31
<b>4.1 Memes que apresentam o uso de pronomes do caso reto em função de objeto direto</b> .....	32
<b>4.2 Memes que apresentam o uso de pronomes do caso oblíquo em função de objeto direto</b> .....	39
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	45

## 1 INTRODUÇÃO

Muitos estudos evidenciam que o Português Brasileiro (doravante PB) vem passando por diversas mudanças morfossintáticas características dos usos realizados pelos falantes. Dentre essas mudanças está a da reorganização do sistema pronominal do PB, um assunto bastante debatido por muitos estudiosos da língua, dentre eles Silva e Silva (2014) e Menon (1995). Relacionada a essas mudanças em nosso sistema pronominal está a da substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa, assunto que se constitui como tema da presente pesquisa. No que tange a esse aspecto morfossintático do PB, é recorrente observarmos, através dos usos da língua, a ocorrência do pronome reto *ele* e suas variantes na função de objeto direto, sendo que, de acordo com a tradição gramatical, esse tipo de pronome deveria exercer apenas a função de sujeito e/ou predicativo do sujeito nos enunciados.

Tendo isso em vista, os estudos sobre esse tema apontam para a emergência da formulação de uma nova gramática (SILVA E SILVA, 2014), a qual reconheça e leve em consideração os usos – distantes das prescrições da tradição gramatical - que já se incorporaram no falar dos brasileiros.

É evidente que as mudanças que ocorrem em uma língua são de caráter muito natural, uma vez que decorrem das necessidades comunicativas específicas de um grupo ou comunidade, e essas necessidades estão intimamente atreladas ao momento histórico no qual as pessoas pertencentes a esses grupos estão vivenciando. Alguns trabalhos, como os já mencionados anteriormente, tratam justamente dessas mudanças correntes em nossa língua.

Do mesmo modo que a língua sofre mudanças com o decorrer do tempo, o mesmo ocorre com os gêneros textuais, e isso se deve, principalmente, à evolução dos meios de comunicação ao longo dos séculos (MARCUSCHI, 2007). Com os avanços tecnológicos, o acesso a informações tornou-se cada vez mais rápido, e, atualmente, após a chegada dos *smartphones*, *tablets* e *notebooks*, e junto com eles o surgimento das redes sociais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, por exemplo, manter-se conectado à rede é algo muito comum hoje em dia. Por meio dessas evoluções, os gêneros textuais também vêm sendo adaptados, ou novos gêneros surgem para atender à demanda decorrente desses meios de comunicação. Dentre esses gêneros provenientes do meio eletrônico podemos citar o meme, que está presente e muito em alta nas redes sociais já mencionadas.

Diante do que foi colocado, pretendemos, através desta pesquisa, responder à seguinte indagação: que características são evidenciadas na substituição do pronome clítico de terceira

pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa no gênero meme em redes sociais? Para responder tal questionamento, a pesquisa tem o objetivo geral de estudar o fenômeno da substituição de pronomes oblíquos por pronomes do caso reto como objeto em memes em redes sociais, e tem como objetivos específicos: descrever o uso de pronomes pessoais em memes e analisar a recorrência de pronomes de caso reto em detrimento aos de caso oblíquo em função de objeto no gênero em questão.

No que diz respeito à metodologia, a pesquisa é de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Quanto aos procedimentos de coleta dos dados, classifica-se como documental. Os dados coletados para a análise foram sete exemplares de memes retirados de redes sociais<sup>1</sup> como *Facebook* e *Instagram*, nos quais em cinco deles observamos a ocorrência de uso do pronome reto de terceira pessoa em função de objeto direto, característica dos usos no português brasileiro, enquanto que em apenas outros dois notamos o emprego do pronome oblíquo átono realizando a função de objeto direto, privilegiada pela tradição gramatical por ser considerada a forma mais adequada de uso. No que concerne aos procedimentos de análise, os dados evidenciaram duas categorias: a primeira dos memes com pronomes do caso reto realizando a função de objeto direto, e a segunda dos memes com pronomes do caso oblíquo também em função de objeto.

A relevância da temática aqui enfocada é justificada pela verificação de que, apesar de haver muitos estudos que apontam a ocorrência do fenômeno linguístico por nós estudado, percebemos através deles que as gramáticas tradicionais ainda perpetuam uma concepção de língua que não reflete a maneira como as formas da língua são utilizadas pelos falantes. Assim, a presente pesquisa se constitui relevante por indicar um processo de mudança em curso no PB.

A escolha do gênero meme se deu pelo fato de ainda não haver estudos relacionados à temática aqui enfocada em cima desse gênero textual. Além disso, por ser um gênero atual, presente no meio digital e que está, portanto, ao alcance de muitas pessoas, inclusive de alunos e professores, pensar a questão do uso de pronomes retos de terceira pessoa em função de objeto direto nos memes é uma forma de refletir sobre a importância de se trabalhar com gêneros digitais na escola atrelados às mudanças significativas que ocorrem em nossa língua.

Na seção seguinte desta pesquisa – fundamentação teórica - trataremos das principais abordagens teóricas a respeito do fenômeno linguístico focalizado em nosso estudo (CASTILHO E ELIAS, 2015; BATISTA, 2011; SILVA E SILVA, 2014; BAGNO, 2004),

---

<sup>1</sup> Utilizamos esse termo mais geral em razão de os memes terem sido coletados de duas redes sociais - *Facebook* e *Instagram* - sendo que seis memes foram retirados da primeira e apenas um da segunda.

ênfatizando o que dizem os autores a respeito dessa questão. Ademais, também nos dedicaremos a revisar estudos relacionados à teoria funcionalista (NEVES, 2013; CUNHA, 2016), e também sobre os gêneros textuais (MARCUSCHI, 2007; 2008; DECAT, 2008; BAKHTIN, 1997) e o gênero meme (SOUZA, 2013; BARRETO, 2015).

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nessa seção de nossa pesquisa, faremos uma breve abordagem acerca da teoria funcionalista, corrente na qual se inserem os aspectos aqui analisados. Em seguida, faremos algumas considerações de ordem morfológica quanto à questão da substituição do pronome oblíquo átono de terceira pessoa como objeto por um pronome reto de terceira pessoa. Para tanto, trataremos um pouco sobre a classe dos pronomes, abordando algumas de suas particularidades e funções. Por fim, falaremos um pouco a respeito dos gêneros textuais, e, logo após, sobre o gênero meme, já que se constitui como o corpus de nossa pesquisa. Tomamos como aporte teórico os trabalhos de Cunha (2016) e Neves (2013), no que se refere à teoria funcionalista; os estudos de Bagno (2004), Batista (2011), Silva e Silva (2014), Bechara (2005), Castilho e Elias (2015) e Cunha e Cintra (2007), no que diz respeito às considerações de caráter morfológico; os trabalhos de Marcuschi (2007; 2008), Decat (2008) e Bakhtin (1997) sobre gêneros textuais; e os estudos de Souza (2013) e Barreto (2015) acerca dos memes.

### 2.1 Teoria funcionalista

Para darmos início à nossa discussão acerca do tema por nós focado nesta pesquisa, acreditamos ser de suma importância fazer uma breve abordagem sobre a corrente linguística a qual seguimos no desenvolvimento do presente estudo – a funcionalista. Nossa pesquisa se insere nos estudos funcionalistas porque tivemos como foco o tratamento a respeito de uma mudança de uso que vem sendo percebida no português brasileiro – a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa. Tal mudança, como tantas outras que ocorrem em nossa língua, está atrelada, obviamente, ao uso que os falantes fazem das formas linguísticas nos mais variados contextos e situações comunicativos, e, nesse sentido, o funcionalismo “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas” (CUNHA, 2016, p. 157). Sendo assim, a língua é vista pelos funcionalistas não como um conjunto de formas estáticas, que funcionam fora de um contexto comunicativo, mas como formas dinâmicas, que se adaptam às diversas circunstâncias de uso, dependendo sempre das intenções e da forma como os falantes as usam.

Os estudos funcionalistas tiveram início na Europa, através da Escola de Praga, da qual se destacam os trabalhos de Trubetzkoy e Roman Jakobson, principalmente na área da

fonologia, e logo se disseminaram por outros países como Estados Unidos. Vale salientar que o funcionalismo surgiu “como um movimento particular dentro do estruturalismo, enfatizando a função das unidades linguísticas” (CUNHA, 2016, p. 159). Nesse sentido, o ponto chave dos estudos funcionalistas se concentram nas finalidades e propósitos de uso dessas unidades linguísticas (NEVES, 2013).

Dessa maneira, podemos afirmar que é através dos usos efetivos da língua, vinculados ao contexto comunicativo em que ocorrem as interações verbais, que podemos analisar as motivações de um ou outro uso linguístico, e é exatamente essa a principal característica que difere o funcionalismo das teorias formais precedentes – o estruturalismo e o gerativismo (CUNHA, 2016).

Tendo em vista que levam em conta “dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação” (CUNHA, 2016, p. 158), os funcionalistas concebem a linguagem não como um fenômeno pronto e acabado em si mesmo, mas como um sistema que pode ser usado para os mais variados fins e nos mais variados contextos de comunicação (PRIDEAUX, 1987 *apud* NEVES, 2013, p. 16).

Nesse modo de conceber a linguagem, ao funcionalismo interessa, portanto, investigar a linguagem além das estruturas gramaticais, preocupando-se, portanto, com os contextos discursivos em que se dão as interações verbais e as motivações para os fatos da língua (CUNHA, 2016).

Fazendo uma relação entre a abordagem funcionalista e o processo de ensino de Língua Portuguesa, vemos a necessidade de um estudo linguístico que parta de contextos comunicativos concretos, uma vez que, por vezes, esses estudos, em âmbito escolar, se limitam apenas no trabalho e análise de frases soltas e descontextualizadas, com fins em si mesmas, que se distanciam dos reais usos feitos pelos falantes e, além disso, perpetuam a ideia de que a gramática é um sistema rígido e imutável.

A gramática da língua possui atenção privilegiada no funcionalismo, e é concebida por essa teoria

como um organismo maleável, que se adapta às situações comunicativas e cognitivas dos falantes, [o que] implica reconhecer que a gramática de qualquer língua exibe padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, ao lado de mecanismos de codificação emergentes. Em outras palavras, as regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas variam e mudam), e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. (CUNHA, 2016, p. 164).

Visto desta forma, pensar a gramática enquanto um sistema autônomo, com um fim em si mesma, é o mesmo que negar a influência que os falantes exercem sobre a linguagem, perpetuando, assim, uma falsa noção de língua - a ideia de língua enquanto estrutura homogênea - que não reflete a maneira real com que essas formas da língua vêm sendo empregadas nos mais variados contextos discursivos.

Com relação a isso, de acordo com NEVES (2013), a respeito da gramática de Halliday, afirma que “o enunciado não parte de uma estrutura profunda abstrata, mas das escolhas que o falante faz quando o compõe para um propósito específico, com elas produzindo significado” (p. 18). Nessa mesma perspectiva, Givón (1995 *apud* NEVES, 2013, p. 19) diz que “a língua não pode ser descrita como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida por referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução”. Portanto, a língua e sua gramática não podem ser concebidas como um sistema autônomo, pois a influência que os falantes têm sobre a língua, a maneira como a usam, as escolhas que fazem para atingir objetivos diferentes em contextos comunicativos diversos, é o que determina sua existência.

Por fim, concordando com a visão desses teóricos, acreditamos que um estudo de língua dissociado de seus contextos efetivos de comunicação e que nega a influência do usuário, o qual molda a língua através dos usos que faz das formas linguísticas, não é suficiente para trabalhar a língua assim como ela é, ou seja, como é, de fato, usada. Não consideramos, nesse sentido, que o ensino das regras da gramática tradicional seja abolido, pois seu estudo também é muito importante para a formação e desenvolvimento de leitura e escrita dos alunos. Porém, destacamos que a estes também deve ser mostrado como essas regras realmente funcionam no momento em que a língua é posta em uso.

No tópico a seguir trataremos acerca da classe dos pronomes, mais especificamente, do pronome pessoal de terceira pessoa do caso reto e do caso oblíquo, evidenciando dessa forma, uma mudança de uso linguístico recorrente no português brasileiro: a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa.

## **2.2 A classe dos pronomes e a ocorrência do pronome reto *ele* como objeto direto**

As palavras da Língua Portuguesa, como conhecemos, são divididas em dez classes pela tradição gramatical, e são agrupadas como variáveis e invariáveis, são elas: substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, pronome, numeral, artigo, conjunção, preposição e interjeição.



Entretanto, alguns estudiosos, dentre eles Batista (2011), preferem classificar essas classes como abertas e fechadas, levando em consideração algumas características apresentadas por cada uma delas. Entendemos por classes abertas, aquelas que possuem um caráter de variação ou flexão, ao passo que as classes fechadas são formas estáticas da língua e, além disso, têm por característica a existência em um número limitado, e podem, dessa forma, ser facilmente memorizadas (SAUTCHUK, 2010).

Batista (2011) considera os substantivos, adjetivos, verbos e alguns advérbios (como os de modo) como classes abertas, ao passo que os numerais, pronomes, conjunções, preposições e artigos são classificados como classes fechadas. O que nos interessa na presente pesquisa são as questões referentes à classe dos pronomes, sendo assim, trataremos melhor dessa classe de palavras logo a seguir.

A classe dos pronomes, de acordo com Castilho e Elias (2015), é constituída por palavras que “podem retomar um substantivo previamente enunciado, substituindo-o na sentença” – anafóricos –, no caso do pronome de terceira pessoa *ele* e suas variantes, e podem sinalizar as pessoas do discurso – dêíticos –, no caso dos pronomes de primeira e segunda pessoa *eu* e *tu*, respectivamente (p. 84, grifos dos autores). Ademais, ainda conforme os autores supracitados, esta classe subdivide-se em pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, quantificadores indefinidos, e os relativos, cada um deles apresentando suas especificidades morfológicas e sintáticas.

Estabelecendo um contraponto com algumas gramáticas de cunho tradicionalista, Bechara (2005) define a classe dos pronomes como “classe de palavras categoremáticas [...] que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto” (p. 162). O autor ainda classifica esta classe em pronomes “*pessoais, possessivos, demonstrativos* (abarcando o artigo definido), *indefinidos* (abarcando o artigo indefinido), *interrogativos e relativos*” (p. 163, grifos do autor). No que diz respeito às funções dos pronomes pessoais, o autor coloca que “o pronome reto funciona como sujeito e predicativo, enquanto o oblíquo como complemento” (p. 173). Da mesma forma que este autor, Cunha e Cintra (2007) também dividem os pronomes pessoais em retos e oblíquos – o primeiro funcionando como sujeito e predicativo do sujeito, e o segundo exercendo função de objeto (direto ou indireto).

Fazendo uma breve comparação entre as abordagens acerca da classe dos pronomes aqui expostas, percebemos que Castilho e Elias (2015) tratam dessa classe de palavras através de um viés funcionalista, já que consideram aspectos linguísticos de como a classe dos pronomes vem sendo empregada na fala dos brasileiros, incluindo a questão do uso do

pronome reto de terceira pessoa como objeto em lugar das formas oblíquas de terceira pessoa. Em contrapartida, Bechara (2005) e Cunha e Cintra (2007) seguem uma linha mais tradicionalista, uma vez que abordam a classe de palavras seguindo as regras normativas e não fazem menção aos aspectos linguísticos relacionados ao funcionamento dessas regras na fala dos brasileiros, e quando o fazem é tão somente para sinalizar que tais ocorrências se tratam de “equivocos e incorreções” da língua que devem ser evitados (CUNHA E CINTRA, 2007, p. 287). Percebemos isso também através do fato de esses autores considerarem os pronomes retos exercendo função única de sujeito e predicativo, como nos seguintes exemplos trazidos por eles: “**Eu** saio; **Eu** não sou **ele**” (BECHARA, 2005, p. 173, grifos do autor); “**Eu** era a desdenhosa, a indiferente”; “Meu Deus, quando serei **tu**?” (CUNHA E CINTRA, 2007, p. 281, grifos dos autores).

Com relação à questão tomada como foco em nossa pesquisa - a da substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa -, verificamos em alguns estudos de cunho funcionalista o que trazem os teóricos a respeito desse assunto.

Castilho e Elias (2015) trazem um quadro expositivo dos pronomes pessoais atuais do português brasileiro em que já sinalizam o desaparecimento dos oblíquos de terceira pessoa *o*, *a*, *os*, *as* como complemento, e em seu lugar, apontam o uso dos pronomes retos *ele*, *ela*, *eles*, *elas* exercendo a mesma função sintática daqueles. Mais adiante, ao se debruçarem sobre as funções exercidas pelo pronome reto de terceira pessoa, afirmam que “*ele* preservou seu uso como sujeito, e passou a ser usado também como objeto direto”, e acrescentam em seguida que “o pronome complemento *o* (e suas variantes *lo* e *no*) estão desaparecendo, sendo substituídos pela forma única *ele*”. Esta ocorrência é ilustrada pelos autores por meio dos seguintes exemplos: “*Será que vão achá-lo / Acharam-no*” (no português padrão) e “*Será que vão achá ele? / Acharam ele*” (no português não padrão) (CASTILHO E ELIAS, 2015, p. 98, grifos dos autores).

Batista (2011), corroborando Castilho e Elias (2015), afirma que “No português atual, há uma tendência de uso dos pronomes pessoais retos em posições e funções sintáticas que, pelas regras da gramática normativa da tradição portuguesa, apenas deveriam ser realizadas por pronomes oblíquos” (p. 68). Percebemos, através dessas discussões, que estes autores tomam sempre como base em seus estudos acerca dessas ocorrências a maneira como a língua é utilizada no momento da fala, logo, podem ser consideradas como características próprias do português brasileiro, apesar de serem condenadas pela tradição gramatical.

Silva e Silva (2014) ao analisarem duas gramáticas contemporâneas do português brasileiro, constataram que “seus autores dizem reconhecer as especificidades do PB contemporâneo, cujos usuários aceitam e empregam formas linguísticas distantes da norma-padrão tradicional, mas já perfeitamente incorporadas às variedades urbanas de prestígio” (p. 188). Assim, vemos que já existem muitos estudos preocupados com as mudanças em curso no português brasileiro, e mais que isso, está havendo aceitação por parte dos usuários da língua quanto ao emprego dessas formas.

Uma das questões morfosintáticas do PB em evidência nos compêndios gramaticais analisados pelos autores supracitados é o tratamento da queda ou substituição do clítico de terceira pessoa pelo pronome reto de terceira pessoa. Na análise realizada da gramática de Ataliba T. de Castilho (2010) a qual denominam de GAC, Silva e Silva (2014) afirmam que tal compêndio “mostra que há possibilidade de o pronome *ele* ou do clítico *o* assumirem a função de objeto direto no PB, ainda que o desaparecimento dos clíticos venha ocorrendo progressivamente, dando cada vez mais espaço ao *ele* acusativo” (p. 197). Diante disso, conseguimos perceber que está havendo um processo de mudança em curso em nossa língua quanto ao uso desses pronomes, o qual vem tomando proporções cada vez maiores e, portanto, sua recorrência na língua direciona para um contexto de possível mudança que está por emergir.

Ademais, ainda no que diz respeito a essa questão do desaparecimento dos pronomes oblíquos e sua substituição por um pronome reto de terceira pessoa, Bagno (2004) é ainda mais categórico ao afirmar que:

Se há alguma coisa que podemos afirmar, sem medo de errar, a respeito do português do Brasil é que nesta língua os pronomes oblíquos de 3ª pessoa estão, senão totalmente mortos, pelo menos moribundos, tendo os últimos estertores. Só conhecem esses pronomes (mas nem por isso usam) as pessoas que freqüentaram a escola e que, ali, entraram em contato (direta ou indiretamente) com os quadros pronominais da língua literária clássica e, por causa desse contato, sofrem pressão da norma-padrão conservadora. (BAGNO, 2004, p. 102).

Como vemos, pelo que constataam esses estudiosos, as regras normativas da língua, no que concerne ao uso dos oblíquos de terceira pessoa, já não vigoram quando se lança o olhar sobre como a língua é usada. Além do mais, não é um uso que se restringe apenas às camadas sociais mais baixas de nosso país, pois consoante Bagno (2004, p. 102) “mesmo na fala dos brasileiros cultos a ocorrência desses clíticos é raríssima, como toda uma bibliografia baseada em pesquisas de campo tem demonstrado fartamente!”. O autor chega a mencionar, ainda, que o caso do pronome reto *ele* como objeto direto é muito antigo em nossa língua, uma vez que

muitas dessas ocorrências podem ser encontradas em textos literários que datam do período arcaico retirados da obra de Fernão Lopes (século XIV), dos quais citamos dois dentre os trazidos por Bagno (2004) em seu trabalho:

“El-rei, sabendo isto, houve mui grande pezar, e deitou-o logo fora de sua mercê, e degradou *elle* e os filhos a dez leguas de onde que *elle* fosse”  
 “Rogando-lhe elRei por suas cartas ao cardeal, que absolvesse *elle* e seu reino d’algum caso d’excomunhão ou interdicto”. (BAGNO, 2004, p. 103, grifos do autor).

A fim de tentar explicar o uso do pronome *ele* na posição de objeto direto, Bagno (2004) recorre às raízes latinas da língua. O autor afirma que na língua latina clássica não existiam pronomes de terceira pessoa que pudessem exercer função de sujeito e objeto direto, mas a 3ª pessoa do discurso podia ser identificada pela forma verbal empregada. É só na formação do latim vulgar que passou a serem usados os demonstrativos *ille*, *illa* e *illud* para se referirem a 3ª pessoa do discurso. Os demonstrativos *ille* e *illa* são os que deram origem aos pronomes retos *ele* e *ela* que utilizamos hoje, e também aos pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa *o*, *a*, *os*, *as* (p. 104, grifos do autor).

O autor cita, ainda, uma análise feita por Mattoso Camara Jr. (1972) na qual os resultados apontam que, mesmo incorporados ao quadro dos pronomes retos, tais pronomes (demonstrativos) não se integraram completamente a essa classe, conservando, assim, seu caráter demonstrativo. É justamente por esse motivo que aos pronomes *ele*, *ela*, *eles*, *elas* é permitido exercer todas as funções sintáticas, bem como os demonstrativos de nossa língua (BAGNO, 2004, p. 105),

Mesmo já sendo bastante evidenciado essas ocorrências através de vários estudos, dentre os quais mencionamos ao largo desta subseção, em âmbito escolar, ocasionalmente, ainda vem sendo perpetuado um ensino de língua pautado nos moldes ditados pela tradição gramatical, a qual insiste em ignorar os fatores característicos dos usos entre os falantes, enaltecendo, desta forma, um tipo de língua que se distancia do real uso feito por eles. Bagno (2004), a esse respeito, chega a lançar diversos questionamentos dentre eles o de se “será mesmo necessário dispendir tanto tempo e esforço para memorizar regras de uso de recursos gramaticais que quase não são mais usados?” (p. 103). Concordamos com o autor, e acreditamos que se dedicasse mais tempo das aulas de Língua Portuguesa à reflexão acerca dos fatos da língua, sobre como as unidades linguísticas realmente vêm sendo empregadas quando postas em uso pelos falantes ao se expressarem, teríamos um ensino de língua mais concreto e próximo da realidade dos alunos.

Na subseção a seguir dedicaremos-nos a falar sobre os gêneros textuais, tendo em vista que o corpus desta pesquisa é constituído por um gênero textual – o meme. Ademais, falaremos, ainda, um pouco acerca do contexto das redes sociais, já que o gênero meme é fruto do ciberespaço.

### 2.3 Gêneros textuais em contexto digital

Os gêneros textuais, conforme aponta Marcuschi (2007, p. 19) “são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Visto desta forma, os gêneros textuais são entidades comunicativas que nos permitem organizar nossos discursos nos mais variados contextos, podendo variar de acordo com nossos propósitos e intenções em cada interação verbal. Assim, uma vez que estão bastante atrelados às atividades comunicativas diárias, os gêneros “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2007, p. 20).

Bakhtin (1997) afirma haver uma distinção entre os gêneros do discurso, os quais variam entre contextos comunicativos mais e menos formais, são eles: o gênero do discurso primário (simples) e o gênero do discurso secundário (complexo). O primeiro é constituído por gêneros que possuem uma linguagem mais simples e do tipo oral, como por exemplo a “linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana” (BAKHTIN, 1997, p. 286), e o segundo é formado por gêneros com uma linguagem mais complexa, como a de produções literárias, científicas e ideológicas (p. 286).

Ademais, o autor supracitado concebe que “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (p. 280). Isto é, a cada contexto sociocomunicativo que participamos, são exigidas estratégias específicas para a efetivação da comunicação, a qual se dá por meio do uso da língua, e tal uso acontece através da produção de enunciados (orais e escritos) (BAKHTIN, 1997, p. 280). Assim, consoante este autor, cada circunstância de uso da língua “elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados” e é isso que é denominado de *gêneros do discurso* (p. 280, grifos do autor).

Além de suas funções sócio-histórica e comunicativa, os gêneros textuais são caracterizados por Marcuschi (2007, p. 19) “como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”. Daí a grande complexidade em se definir os gêneros a partir de suas características formais, isto é, aquelas de ordem estrutural, linguística, estilística etc., dado

que os gêneros variam de acordo com as circunstâncias comunicativas, permitindo ao usuário a escolha dos mais adequados para cada situação. Nesse sentido, a ordem funcional e social dos gêneros textuais se sobressai em relação a seus aspectos formais.

No tocante a essa questão, Decat (2008), concorda com Marcuschi (2007) ao conceber que a distinção entre os gêneros textuais não pode ser feita somente através de seus aspectos linguísticos, mas, sobretudo, por meio de seus aspectos funcionais e pragmáticos. No entanto, a autora defende que “é na relação forma/função que será possível chegar-se a alguma caracterização dos gêneros como práticas sociais” (p. 188). Para demonstrar como ocorre tal relação, ela analisa alguns exemplos de gêneros textuais, nos quais aponta como as formas linguísticas são empregadas pelo produtor do gênero de modo a atingir objetivos diversos, por exemplo, os recursos utilizados como estratégia de argumentação em um artigo científico ou em um ensaio, os recursos de convencimento nas notas de jornal ou nos anúncios publicitários etc. Diante disso, Decat (2008) conclui que

qualquer gênero deve ser visto como uma materialização de formas (que o sistema da língua coloca à disposição do usuário) que estão a serviço dos objetivos comunicativos do gênero, ou mesmo refletem as funções daquele gênero no processo de interação. (DECAT, 2008, p. 189).

Sendo assim, podemos dizer que a função que assume cada gênero textual e as formas utilizadas em sua materialização estabelecem uma relação mútua no sentido de que, ao depender de seu propósito comunicativo, o usuário fará uso de determinados recursos linguísticos para atingir seus objetivos, e a recorrência de uso desses recursos podem ser utilizados como parâmetro para caracterizar o gênero textual no qual se materializou essas formas linguísticas.

Outra característica dos gêneros textuais é que, ao contrário dos tipos textuais, que contam cerca de meia dúzia, são inumeráveis e, “assim como surgem, podem desaparecer” (MARCUSCHI, 2007, p. 20). Por isso, os gêneros estão constantemente em evolução, e uma área muito rica que resulta no surgimento de novos gêneros, ou na ‘transmutação’ deles (BAKHTIN, 1997 *apud* MARCUSCHI, 2007, p. 20, grifo do autor) a partir de outros já existentes, é a da tecnologia. Com base nisso, Marcuschi (2008) afirma que “Mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica (digital)” (p. 198). Assim, percebemos a grande influência exercida pelas tecnologias na criação ou transmutação de novos gêneros textuais. São exemplos de gêneros que surgiram a partir da mídia digital o e-mail, os chats, as

videoconferências etc. (MARCUSCHI, 2008, p. 201), além dos memes, um gênero recente da mídia digital, sobre o qual discutiremos ainda nesta seção.

Apesar da grande influência das tecnologias no aparecimento de novos gêneros textuais, Marcuschi (2007) nos diz que “não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias” (p. 20, grifo do autor). Por conseguinte, como no tópico 2.1 em que comentamos que o falante é o maior responsável pelas mudanças que ocorrem em sua língua, podemos dizer que o mesmo ocorre com os gêneros textuais, pois é a frequência com que os falantes fazem uso desses gêneros que determina a permanência de uns e o surgimento ou desaparecimento de outros. Sendo assim, podemos considerar que os gêneros são instrumentos de usos dos falantes que permitem as mudanças na língua.

As redes sociais se constituem como espaço bastante propícios ao aparecimento de novos gêneros textuais e, dessa maneira, trataremos, a seguir, um pouco a respeito desses espaços virtuais, enfatizando algumas de suas principais características.

### 2.3.1 As redes sociais

Com a ascensão das tecnologias, estamos constantemente imersos em um universo em que o acesso às informações e ao conhecimento se tornou cada vez mais rápido e fácil. O compartilhamento e propagação dessas informações entre os usuários que estão em conexão, através das redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* também se tornou algo bastante trivial.

Antes de falarmos propriamente no gênero meme, consideramos importante ressaltar, de maneira geral, como se caracterizam as redes sociais em que se propagam os memes, e porque se constituem como ambientes propícios para a disseminação desse gênero textual. Em sua tese de doutorado, Barreto (2015) citando Recuero (2006b) aponta que

As redes sociais na Internet, como o próprio nome já sugere, são compreendidas a partir da metáfora da rede, na qual um grupo social é visto como um conjunto de dois elementos: **atores** (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas **conexões** (interações e laços sociais), que se modificam no tempo, através de uma estrutura dinâmica, e alteram a constituição da própria rede. (RECUERO, 2006b *apud* BARRETO, 2015, p. 22, grifos da autora).

Visto dessa maneira, as redes sociais podem ser concebidas como espaços virtuais que permitem a interação e, conseqüentemente, a criação de laços (as conexões) entre seus



partícipes (os atores). Tomando como exemplo o *Facebook*, essas interações podem ocorrer de diversas maneiras: através da publicação de imagens, vídeos, textos, etc.; da possibilidade de compartilhar, comentar e reagir a essas publicações através do botão “curtir”; e também por meio do chat, disponível nessa rede.

O fato de se caracterizarem por propiciar um elevado grau de interatividade entre os seus usuários, as redes sociais permitem que a difusão de informações e outros conceitos (incluindo os memes) seja bastante propícia em ambientes como esses (BARRETO, 2015, p. 28). Além disso, outras características como a de se apresentarem como espaços informais, pensando na questão da liberdade do uso linguístico, e também por serem de livre e fácil acesso, possibilitam que a circulação e propagação dessas informações seja cada vez maior.

A seguir, falaremos, propriamente, acerca do gênero meme, tratando, primeiramente, a respeito da origem desse termo, e depois, sobre as suas características principais.

### 2.3.1.1 Os memes e a origem do termo

De acordo com Souza (2013), o termo meme foi criado pelo zoólogo Richard Dawkins em 1976, em seu livro intitulado *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta), numa tentativa de explicar a evolução cultural. A palavra

foi cunhada a partir da raiz grega “Mimeme” que significa algo que pode ser copiado. Dawkins resolveu reduzi-la para “meme”, pois ele afirmava estar em busca de uma palavra mais curta que soasse mais ou menos como “gene”, visto que o “meme” é o “gene da cultura”. (SOUZA, 2013, p. 132, grifos do autor).

Ainda em relação à definição do termo, conforme Blackmore (2000, p. 65 *apud* Souza, 2013, p. 6) “um meme é uma ideia, comportamento, estilo ou uso que se espalha de pessoa para pessoa dentro de uma cultura”. Como podemos perceber, a partir das definições dadas pelos autores citados acima, a palavra *meme* foi criada, a princípio, para denominar a maneira como as ideias e os costumes de uma cultura se propagam entre seus integrantes, fazendo uma analogia aos genes, que são passados de geração em geração. À vista disso, essa definição inicial não é exatamente a mesma que atualmente a maioria dos internautas conhece e utiliza. Barreto (2015), citando Fontanella (2009), afirma que popularmente o termo pode ser definido da seguinte maneira:



Coloquialmente, os memes são entendidos como ideias, brincadeiras, jogos, piadas ou comportamento que se espalham através de sua replicação de forma viral, e caracterizada pela repetição de um modelo formal básico a partir da qual pessoas podem produzir diferentes versões do mesmo meme. Dessa forma, os memes se diferenciam dos vídeos virais, pois presumem que, a medida em que esse meme se espalhe pela rede, surjam versões alteradas da ideia original. (FONTANELLA, 2009, p. 8 *apud* BARRETO, 2015, p. 31).

Sendo assim, seguindo essa proposição, podemos afirmar que os memes veiculados na internet possuem a mesma essência daqueles definidos por Dawkins (1976) e Blackmore (2000) conforme aponta Souza (2013), pois são informações, geralmente com tom humorístico, que tendem a se espalhar e viralizar entre os usuários. Acerca disto Souza (2013) aponta que

Os textos mêmicos carregam em si mensagens que são decodificadas pelos cérebros receptores, analisadas, interpretadas, adotadas e, por vezes, replicadas, tal que, ao se familiarizarem com a linguagem contida no componente a ser replicado, estarão dialogando de certa maneira com o criador do “meme”, ou mesmo com os partícipes das mesmas interações de transmissão de ideias. (SOUZA, 2013, p. 8, grifo do autor).

Os memes são, portanto, textos (verbais e imagéticos) que tendem a ser replicados (ou não) levando em consideração a identificação dos receptores com relação ao seu conteúdo, geralmente fatos cotidianos e que fazem parte da realidade dessas pessoas. E é justamente a adoção e, em seguida, a decisão do usuário de replicar esse conteúdo, isto é, a decisão de passá-lo adiante (SOUZA, 2013, p. 136), que irá ditar a longevidade desses memes.

Para ilustrar melhor essa questão, observemos a seguir, dois exemplos de memes através dos quais conseguimos observar as características relacionadas à sua composição (texto mais imagem), as quais são utilizadas para conferir um sentido completo ao meme:

Exemplo 1<sup>2</sup>

Otariano  
@otariano



quando vc compra um oculos novo //  
um mês depois



Fonte: Facebook, 2018.

Exemplo 2<sup>3</sup>

primeira nota baixa na faculdade //  
milésima nota baixa na faculdade



Fonte: Facebook, 2018.

<sup>2</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/humotariano/photos/a.1656924814552946.1073741828.1651727858405975/2631374960441255/?type=3&theater>>. Acesso em: 11/04/2018.

<sup>3</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/graduacaoda%20depressao/photos/a.291112297748012.1073741829.291025411090034/1010083259184242/?type=3&theater>>. Acesso em: 11/04/2018.

Nos dois exemplos de memes, deparamo-nos com situações cotidianas que podem acontecer com várias pessoas. Com relação à sua forma e estilo, geralmente “os memes são elaborados por intermédio de uma imagem, retirada de uma cena do cotidiano, e de um texto, extraído de um outro contexto, mas na configuração final do meme adquire uma significação característica” (GUERREIRO E SOARES, 2016, p. 191). Dessa forma, podemos observar nos dois exemplos de memes que, para sua constituição, foram utilizados tanto o conteúdo verbal (o texto) como o não-verbal (as imagens), retirados de contextos do cotidiano, e que, apesar de não manterem ambos uma relação direta, ao serem mesclados na criação do meme, dão a ele um sentido completo. O conteúdo presente nesses memes, por se tratar de algo do dia a dia das pessoas, é o que muito provavelmente as leva a se identificarem com as mensagens transmitidas através deles e, conseqüentemente, as impulsionam a tomar a decisão de compartilhá-los, replicando, logo, tal conteúdo.

Com relação ao fato de os memes possuírem essa tendência de replicação, Souza (2013) afirma que Dawkins utilizou o termo “imitação” para se referir à forma como os memes são transmitidos. Blackmore (1999 *apud* Souza, 2013) acerca disso afirma que

quando você imita alguma outra pessoa, algo é passado adiante. Este ‘algo’ pode então ser passado adiante novamente, e de novo, e assim ganhar vida própria. Podemos chamar esta coisa uma ideia, uma instrução, um comportamento, uma informação... mas se nós vamos estudá-la precisamos dar a ela um nome. Felizmente, há um nome. É o ‘meme’. (BLACKMORE, 1999, p. 4 *apud* SOUZA, 2013, p. 133).

Logo, podemos entender que o conceito de imitação de que fala esses teóricos refere-se ao caráter altamente propagativo que possuem os memes. Quanto maior a identificação e adesão do receptor com a mensagem transmitida através do meme, maior a tendência por compartilhá-la e passá-la adiante.

Diante de tudo o que foi exposto até então no decorrer desta seção de nosso trabalho, daremos continuidade a ele com a exposição da metodologia por nós utilizada para sua confecção, e, na seção subsequente, traremos nossa análise dos memes coletados em que há a ocorrência do pronome reto de terceira pessoa em detrimento aos de caso oblíquo na função de objeto direto, e, acreditamos, com isso, ficar mais clara a nossa discussão acerca dessa ocorrência.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção de nossa pesquisa iremos relatar os métodos utilizados para sua realização. Assim, faremos uma descrição dos procedimentos de coleta dos dados e dos procedimentos de análise dos dados, além de descrever e caracterizar os materiais utilizados em nossa investigação, bem como o contexto do qual foram retirados esses materiais.

A presente pesquisa é de abordagem qualitativa, que segundo Biembengut Santade (2014) se caracteriza “como um estudo não estatístico, que identifica e analisa, de forma acurada, dados de difícil mensuração” (p. 99). Visto dessa maneira, esta pesquisa se insere na abordagem qualitativa porque nela realizamos uma atividade de compreensão e análise acerca da recorrência da substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa em memes retirados das redes sociais.

Quanto aos objetivos, a pesquisa classifica-se como exploratória e descritiva. Exploratória, pois como aponta Severino (2007, p. 123) “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto”, assim como o que fizemos nesta pesquisa – buscamos fazer uma coleta de memes que apresentassem o pronome reto de terceira pessoa em detrimento aos de caso oblíquo na função de objeto direto. E é descritiva, pois conforme Silva (2008, p. 59) “tem como objetivo principal a descrição de determinada população ou fenômeno, estabelecendo relações entre as variáveis”. Portanto, os memes foram descritos e utilizados como forma de demonstrar um processo de mudança em decorrência, pois refletem a língua em uso.

Segundo os procedimentos de coleta dos dados, a pesquisa classifica-se ainda como documental, a qual inclui, de maneira ampla, documentos escritos tais como jornais, revistas, cartas etc., tal como elementos iconográficos como é o exemplo de imagens, fotografias e filmes (GODOY, 1995, p. 22). Os dados utilizados para nossa análise foram sete exemplares de memes retirados de diversas páginas<sup>4</sup> de redes sociais como *Facebook e Instagram*<sup>5</sup>, nos quais em cinco deles observamos a ocorrência de uso do pronome reto de terceira pessoa em função de objeto direto, característica do português brasileiro, enquanto que em apenas dois

---

<sup>4</sup> Não houve nenhuma motivação específica com relação à escolha das páginas, a não ser a *Bode Gaiato*, pelo fato de trazer em seus memes conteúdos mais voltados a situações cotidianas típicas da região Nordeste do Brasil por meio de uma linguagem simples e informal e, por essa razão, acreditamos conseguir encontrar em tal página memes que apresentassem a ocorrência da substituição pronominal em foco na pesquisa.

<sup>5</sup> A escolha pelas redes sociais *Facebook e Instagram* se deu pelo fato de serem bastante populares atualmente entre os internautas. Ademais, é muito comum observarmos a circulação e disseminação do gênero meme através delas, sendo esta mais uma razão por optarmos pela escolha dessas redes sociais.

notamos o emprego do pronome oblíquo átono realizando a função de objeto direto, privilegiada pela tradição gramatical por ser considerada a forma mais adequada de uso.

Nesse sentido, nossa análise dos dados está apresentada em duas categorias, as quais surgiram através da análise da recorrência de memes com pronome de caso reto em detrimento aos de caso oblíquo.

### **3.1 Descrição dos dados coletados e dos procedimentos de análise dos dados**

Realizamos a presente pesquisa com o intuito de estudar o fenômeno da substituição de pronomes oblíquos por pronomes do caso reto como objeto em memes em redes sociais. Logo, para dar conta desse estudo, fizemos entre o período de setembro de 2017 a abril de 2018 um levantamento de memes que apresentassem tanto o uso do pronome reto de terceira pessoa, como o pronome oblíquo de terceira pessoa, ambos em função complementar de objeto direto, a fim de analisarmos a recorrência desses pronomes no gênero textual em questão e, então, compará-los.

Os memes foram coletados através de diversas páginas disponíveis nas redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, nas quais buscamos, recorrente e incisivamente, aqueles em que apareciam pronomes do caso reto e do caso oblíquo exercendo a função de objeto. Encontramos, durante o período de coleta, oito memes em que observamos o uso de um pronome reto de terceira pessoa na posição de objeto direto, e apenas dois com o emprego de um pronome oblíquo. Não obstante, foi alvo de nossa análise um total de sete memes, os quais evidenciaram duas categorias de análise: a primeira formada por cinco exemplares, selecionados dentre os oito encontrados por nós, nos quais verificamos a presença do uso do pronome reto de terceira pessoa na função de objeto direto, e a segunda constituída apenas pelos dois únicos exemplares em que observamos o emprego do pronome oblíquo de terceira pessoa também na função de objeto. A seguir, apresentamos um quadro em que sistematizamos os memes de nossa análise de acordo com a função exercida pelos pronomes presentes em cada exemplo do gênero, e apontamos a localização de cada um deles:

Quadro 1 – Sistematização dos memes analisados.

<b>Meme</b>	<b>Localização</b>	<b>Uso do pronome reto como objeto</b>	<b>Uso do pronome oblíquo como objeto</b>
1	<i>Frases &amp; Versos</i>	X	-
2	<i>Frases &amp; Versos</i>	X	-
3	<i>Disney Ironica</i>	X	-
4	<i>Bode Gaiato</i>	X	-
5	<i>Suricate Seboso</i>	X	-
6	<i>Humor Engraçado</i>	-	X
7	<i>Chapolin Sincero</i>	-	X

Após a coleta de nossos dados e a seleção daqueles memes que seriam usados em nossa discussão, descrevemos cada meme assinalando suas características e composição estrutural. Por fim, analisamos os memes e o fenômeno da substituição linguística aqui estudada. Para isso, utilizamos como referências os estudos acerca da teoria funcionalista de Cunha (2016) e Neves (2013); sobre gêneros textuais e os memes como Marcuschi (2007; 2008), Decat (2008), Bakhtin (1997) e Souza (2013); e trabalhos a respeito da classe dos pronomes e da substituição por nós enfocada nesta pesquisa, entre eles Bagno (2004), Castilho e Elias (2015), dentre outros. Trazemos a análise realizada na seção a seguir.

#### 4 OS USOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: SUBSTITUIÇÃO PRONOMINAL EM MEMES

Diante de tudo o que foi explorado até aqui acerca do fenômeno de substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto pelo pronome reto de terceira pessoa, consideramos esta seção da pesquisa bastante relevante e esclarecedora no que diz respeito a esse evento que ocorre em nossa língua, uma vez que este é o momento em que analisamos, de fato, exemplos de memes retirados de páginas de redes sociais como *Facebook* e *Instagram* nos quais verificamos a ocorrência do tipo de substituição pronominal mencionada.

Pelo que observamos, através dos exemplos que serão exibidos e analisados a seguir, essa substituição acontece de maneira bastante recorrente nos memes, visto a quantidade de exemplos do gênero com a presença de tal ocorrência que foram encontrados por nós durante o período de coleta - oito memes. Dessa forma, notamos que tal fenômeno linguístico não se dá apenas em casos isolados, mas se faz muito presente nos memes, uma vez que este gênero representa a língua em uso.

À frente disso, podemos considerar que a recorrência do uso do pronome reto de terceira pessoa no lugar do pronome oblíquo átono de terceira pessoa em função complementar nos memes está vinculada ao uso dessas formas da língua, já que, como foi explicitado na seção 2.2 de nossa fundamentação teórica, os pronomes oblíquos átonos *o*, *a*, *os*, *as* e suas variantes são raramente utilizados no português brasileiro, sendo utilizados em seu lugar, portanto, os pronomes retos *ele*, *ela*, *eles*, *elas*. Ademais, ao notar essa recorrência também nos memes, ressaltamos que tais eventos linguísticos, os quais se manifestam com mais frequência através dos usos da língua, como por exemplo em conversas cotidianas entre amigos, familiares etc., também se fazem presentes através da escrita e isto se configura como uma característica do português brasileiro.

A partir de agora, daremos início à análise de sete exemplares do gênero meme, dentre os quais em cinco deles observamos a ocorrência do uso de um pronome reto de terceira pessoa *ele/ela* em lugar do pronome oblíquo de terceira pessoa *o/a*, enquanto que apenas em outros dois verificamos o emprego das formas oblíquas átonas de terceira pessoa em função complementar de objeto direto, bem como normatiza a tradição gramatical ser a forma correta para esses casos.



#### 4.1 Memes que apresentam o uso de pronomes do caso reto em função de objeto direto

Esta categoria de análise é constituída por cinco memes, nos quais verificamos a ocorrência do pronome reto de terceira pessoa *ele/ela* exercendo a função de objeto direto. Descreveremos tais memes enfatizando suas características composicionais e, em seguida, analisaremos o fenômeno linguístico apresentado por eles.

**Figura 1 – Exemplo retirado da página *Frases & Versos*<sup>6</sup>**

Quando eu escuto minha música favorita e começo a cantar ela



Fonte: Facebook, 2017.

Neste primeiro exemplo de meme, localizado na página *Frases & Versos*, observamos a imagem da personagem ficcional Boo do filme “Monstros S.A.”, numa cena em que parece estar cantando de maneira bastante empolgada. A frase utilizada pelo criador do meme, apesar de não estar inserida no mesmo contexto em que a imagem foi retirada, se relaciona bem com a figura - o que é um fator característico do gênero meme -, uma vez que esta exprime o sentimento de empolgação e euforia manifestado pelo indivíduo ao escutar sua música preferida e ao começar a cantá-la.

Com relação ao aspecto morfossintático por nós estudado neste trabalho, a substituição pronominal aparece em “... cantar *ela*”. O pronome reto *ela* foi utilizado em lugar da variante *la*. Como mencionamos na seção 2.2, Bagno (2004) afirma que o uso dos pronomes oblíquos

<sup>6</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/oficialsofrases/photos/a.367442046688674.1073741828.347494448683434/1218747781558092/?type=3&theater>> Acesso em: 25/09/2017.



no português brasileiro se tornou raríssimo, sendo utilizado apenas por pessoas cultas, o que pode justificar essa ocorrência no meme em questão. Além do mais, o gênero meme pode ser considerado como um gênero informal pensando na classificação de Bakhtin (1997) acerca de gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos), pois se configura pelo uso de uma linguagem mais simples, cotidiana, e propensa ao aparecimento de questões morfossintáticas como essa, portanto, se encaixa no primeiro grupo. Por circular também em um ambiente que permite a informalidade (a rede social), acarreta o uso dessas formas, dado que refletem a maneira que são empregadas no momento da fala, sendo reproduzidas também por meio da escrita, como conseguimos observar no meme.

**Figura 2 – Exemplo retirado da página *Frases & Versos*<sup>7</sup>**

Quando alguém que vem atrás pisa  
no meu tênis e arranca ele do meu pé



Fonte: Facebook, 2017.

O meme do exemplo acima também foi retirado da página *Frases & Versos*, e nele observamos, como no exemplo anterior, a mescla de uma imagem e uma frase retiradas provavelmente de contextos distintos, mas que juntas conferem um sentido completo ao meme. Dessa vez, a imagem utilizada é a de um garoto que aparenta estar chateado com

<sup>7</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/oficialsofrases/photos/a.367442046688674.1073741828.347494448683434/1217876724978531/?type=3&theater>> Acesso em: 25/09/2017.

alguma coisa, o que se encaixa perfeitamente na caracterização do aborrecimento do sujeito ao ter o tênis arrancado de seu pé após alguém pisar nele.

Nesse meme a substituição pronominal ocorre em “... arranca *ele*”. Dessa vez, o pronome reto *ele* foi utilizado no lugar do oblíquo *o*. Bem como no meme anterior, tal substituição pode ser justificada pelo contexto de produção do gênero – as redes sociais – as quais se caracterizam como ambientes informais. É importante ressaltar, também, que esse fenômeno linguístico é uma característica própria do português brasileiro, e pensando no contexto de informalidade do gênero meme, o uso de um pronome oblíquo poderia deixar a frase incomum, tendo em vista que não é frequente utilizarmos esses pronomes em nosso dia a dia, o que reflete uma característica dos usos da língua que também se apresenta no gênero escrito em questão.

Figura 3 – Exemplo retirado da página *Disney Ironica*<sup>8</sup>

Sinais de que o seu melhor amigo é o Burro



Fonte: Facebook, 2018.

<sup>8</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/disneyironica/photos/a.722169687807601.1073741825.487257337965505/1912799912077900/?type=3&theater>> Acesso: 01/03/2018.

Este terceiro exemplar de meme foi retirado da página *Disney Ironica*. Nele, conseguimos observar imediatamente a constituição característica dos memes, através da mescla de textos e imagens. Neste meme, o conteúdo imagético utilizado é de cenas do filme “Shrek”, as quais mantêm uma relação direta com o conteúdo verbal, já que são ressaltadas características psicológicas da personagem “Burro”. Dessa forma, tal meme se diferencia dos exemplos 1 e 2, nos quais as figuras e os textos não possuem ambos uma ligação direta, apesar de juntos produzirem sentido.

Com relação à substituição por nós estudada, neste meme ela ocorre em “... ama *ele*”. Mais uma vez verificamos o pronome reto *ele* sendo utilizado na função de objeto direto, a qual de acordo com a tradição gramatical, deveria ser exercida apenas pelo pronome oblíquo átono *o*, neste caso. De acordo com a abordagem a respeito desse fenômeno, vimos que Castilho e Elias (2015) afirmam que o pronome “*ele* preservou seu uso como sujeito, e passou a ser usado também como objeto direto”, e acrescentam em seguida que “o pronome complemento *o* (e suas variantes *lo* e *no*) estão desaparecendo, sendo substituídos pela forma única *ele*” (p. 98). No meme em exposição, conseguimos observar claramente ambas as funções (sujeito e objeto direto) sendo exercidas pelo pronome *ele*. Em “As vezes *ele* é insuportável”, o pronome reto de terceira pessoa foi utilizado na função de sujeito, ao passo que, em “e apesar de tudo você ama *ele*”, foi empregado como complemento do verbo amar, sendo esta última ocorrência condenada pelos puristas da língua.

Diante disso, reforçamos, novamente, que tal fenômeno linguístico reflete uma característica dos usos realizados pelos brasileiros e, por essa razão, se mostra bastante frequente quando tomamos como parâmetro os contextos reais de uso da língua, como o gênero em análise.

Figura 4 – Exemplo retirado da página *Bode Gaiato*<sup>9</sup>



Fonte: Facebook, 2018.

O meme do exemplo acima foi retirado da página *Bode Gaiato*, e este se diferencia dos exemplos anteriores no que se refere à sua constituição. Salientamos que o *Bode Gaiato* produz memes sobre diversos temas e, além disso, a grande maioria dos memes dessa página é construído de maneira específica, “onde o meme/história se desenvolve com a figura do bode e demais personagens – digitalmente criados como figuras antropomórficas – interagindo em um cenário composto por imagens do espaço sideral, ao fundo” (SOBREIRA, 2017), tal como podemos observar no exemplo acima.

Apesar de apresentar o conteúdo verbal e não-verbal, característico do gênero meme, tal meme foi construído por meio de um diálogo entre dois personagens (Zéfa e Bio), os quais são criações do próprio dono da página em questão. Sendo assim, não foram retirados de outros contextos, tal como ocorreu nos exemplos 1 e 2.

<sup>9</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/BodeGaiato/photos/a.463935863669678.112226.463932880336643/1919798918083358/?type=3&theater>> Acesso em: 04/04/2018.

Outro fator que diferencia os memes da página *Bode Gaiato* dos demais é o fato de tratarem de situações cotidianas típicas da região Nordeste do Brasil, tal como a do exemplo em questão e, por isso, a linguagem empregada no meme se aproxima muito da falada pelos nordestinos. Podemos observar isto através de como foram grafadas as palavras “querem” e “mas” - “quére” e “mai”, respectivamente -, escritas tais como comumente são pronunciadas na fala de muitas pessoas da região. Além disto, também podemos perceber a busca pela reprodução dos usos linguísticos através da escrita diante da falta de concordância verbal e nominal expressas, que também é uma característica bastante comum na fala dos brasileiros (não apenas dos nordestinos), como fica evidente em “eles quére” e em “tuas calça”.

Quanto à substituição que nos interessa nesta pesquisa, no meme, ocorre em “Esconde *ele*”, em que novamente o pronome reto *ele* foi utilizado em função complementar de objeto direto no lugar do pronome oblíquo *o*. Como já ressaltamos anteriormente, o gênero meme é construído e propagado em ambientes caracterizados pela informalidade, nos quais é permitido um uso mais livre da linguagem e, dessa forma, acabam propiciando o aparecimento de ocorrências como essa.

Além do mais, o meme do exemplo em análise foi construído com o intuito de retratar a cultura específica de uma região de nosso país (a nordestina), seja por meio da caracterização física dos personagens (bodes transvestidos de pessoas do interior do Nordeste), seja pela forma como a linguagem foi empregada no meme para reproduzir a maneira falada pelas pessoas dessa região.

Logo, não faria muito sentido o uso de um pronome oblíquo nesse contexto específico, uma vez que se trata de uma conversa diária, uma situação informal, a qual não exige do falante um policiamento quanto ao uso “correto” das formas linguísticas. Por essa razão, o uso do pronome reto *ele* soa mais “natural” ao leitor/ouvinte do que o uso do pronome oblíquo *o*, que se encaixaria melhor numa situação cotidiana que exigisse mais formalidade, apesar de ser raramente utilizado como apontam diversos estudos da língua.



Figura 5 – Exemplo retirado da página *Suricate Seboso*<sup>10</sup>



Fonte: Facebook, 2017.

O meme acima foi retirado da página *Suricate Seboso*. Semelhante aos memes da página *Bode Gaiato* (Figura 4), esta página também traz em seus memes conteúdos variados do cotidiano e da cultura nordestina. A “*Suricate Seboso* apropria-se de algumas linguagens meméticas: das tradicionais Image Macros<sup>11</sup> às paródias, contando em diversas imagens pequenas histórias do cotidiano nordestino através da família Seboso” (SOBREIRA, 2017). Por esse viés, na constituição dos memes o criador faz uso de personagens fictícios (os suricatos), inventados também pelo próprio dono da página, e nesse meme em questão o conteúdo verbal se apresenta por meio de um diálogo, tal como ocorreu no exemplo 4 desta seção. A linguagem utilizada nos memes da *Suricate Seboso* também busca a proximidade com a oralidade, o que conseguimos perceber, neste meme, através do aparecimento do pronome reto *ele* usado como objeto direto.

No que diz respeito à substituição pronominal estudada por nós, neste meme ela ocorre em “... ganhei *ele*”, e assim observamos, outra vez, o uso do pronome reto *ele* na posição que deveria ser ocupada pelo pronome oblíquo *o*, conforme as normas da tradição gramatical. O

<sup>10</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/suricateseboso/photos/a.255109681285034.58982.255108341285168/1424634230999234/?type=3&theater>> Acesso em: 23/04/2018.

<sup>11</sup> Conforme o site *Museu de memes*, “o termo “image macro” surgiu no fórum Something Awful em 2004 e se refere ao meme que consiste em uma imagem com uma legenda sobreposta”. Disponível em:

<<http://www.museudememes.com.br/sermons/image-macro/>>. Acesso em: 29/05/2018.

contexto de produção do gênero (a rede social), assim como o contexto discursivo representado através do meme (conversa informal), podem justificar a motivação dessa ocorrência no meme.

Como explanamos na seção 2.1 de nossa fundamentação teórica, de acordo com a teoria funcionalista, a língua só pode ser estudada efetivamente a partir da observação de “dados reais de fala retirados de contextos efetivos de comunicação” (CUNHA, 2016, p. 158), pois é através disso que conseguimos analisar as motivações de um ou outro uso linguístico. No caso do meme em análise, apesar de se constituir apenas como a representação de um diálogo informal entre personagens fictícios, aproxima-se muito de uma conversação real, pois caracteriza-se como um discurso simples, com linguagem coloquial, livre de preocupação e cuidado com o uso de termos e expressões dentro das normas gramaticais, o que é normal e aceitável na situação cotidiana em que foi utilizado.

Portanto, a substituição de um pronome oblíquo como objeto por um pronome reto de terceira pessoa reflete, necessariamente, os usos da língua, a maneira como essas formas estão sendo empregadas no momento da fala e, por intermédio do meme, observamos que a ocorrência desse fenômeno também está sucedendo através da escrita, o que reforça esse uso como uma característica própria do português brasileiro.

#### **4.2 Memes que apresentam o uso de pronomes do caso oblíquo em função de objeto direto**

Esta categoria de análise é composta por dois memes (os únicos encontrados durante o período de coleta dos dados), em que observamos o emprego de variantes do pronome oblíquo átono *o* realizando a função de objeto direto, bem como prescreve as normas gramaticais do português brasileiro ser a forma adequada de uso.

**Figura 6 – Exemplo retirado da página *Humor Engraçado*<sup>12</sup>**

Quando você bate muito forte no seu irmão e tenta acalmá-lo antes que sua mãe chegue



Fonte: Facebook, 2018.

O meme deste exemplo foi retirado da página *Humor Engraçado*. É constituído por texto e imagem, o que é uma característica do gênero meme observada também nos exemplos anteriores. O conteúdo verbal e não-verbal utilizados na composição do meme não mantêm ambos uma ligação direta, pois foram extraídos de contextos distintos. Apesar disso, na configuração final, essa combinação proporciona um sentido pleno ao meme. A imagem das duas lontras, na qual uma parece estar agitada (gritando) e a outra aparenta estar acalmando a primeira, se encaixa bem para a ilustração do fato em evidência no texto: com medo da reação da mãe, o filho tenta acalmar o irmão após bater nele.

No que tange à questão morfossintática em evidência nesta análise, a qual se diferencia das ocorrências observadas em todos os exemplos da categoria anterior, notamos, neste meme, um caso que se adequa à norma padrão: a variante *lo* exercendo a função de objeto direto. Salvo essa distinção, todas as outras características presentes nesse meme são, de maneira geral, as mesmas dos exemplos anteriores, pois circulam nas redes sociais, as

<sup>12</sup> Disponível em:

<<https://www.facebook.com/humorengracadooficial/photos/a.437383203008222.94706.437098726370003/1875699085843286/?type=3&theater>> Acesso em: 28/02/2018.



quais se caracterizam como espaços informais e, além disso, possuem o mesmo objetivo daqueles: provocar o humor.

Silva e Silva (2014) na análise realizada da gramática de Ataliba T. de Castilho (2010), já afirmam que tal compêndio “mostra que há possibilidade de o pronome *ele* ou do clítico *o* assumirem a função de objeto direto no PB, ainda que o desaparecimento dos clíticos venha ocorrendo progressivamente, dando cada vez mais espaço ao *ele* acusativo” (p. 197). Nesse sentido, teríamos duas possibilidades de uso para o objeto direto no PB, a primeira característica dos usos realizados pelos brasileiros, e a segunda normatizada pela tradição gramatical. Logo, o uso do pronome oblíquo, neste meme, pode ser justificado pelo fato de seu criador ter considerado mais adequado o uso desse pronome em vez do pronome do caso reto.

Figura 7 – Exemplo retirado da página *Chapolin Sincero*<sup>13</sup>



Fonte: Instagram, 2018.

O exemplo de meme acima foi retirado da página *Chapolin Sincero*. A junção de imagem e texto, característica do gênero meme, é evidente em sua composição. Vale pontuar que todos os memes dessa página são caracterizados pelo uso de imagens do personagem

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BhNXreenUcK/?taken-by=chapolinsincero>>. Acesso em: 08/04/2018.

fictício Chapolin Colorado, fazendo, dessa maneira, jus ao nome da página. Nesse sentido, o conteúdo verbal é utilizado em conformidade com a expressão facial apresentada pelo personagem na imagem em exposição, como se ele estivesse dialogando diretamente com o interlocutor (os usuários das redes sociais em que são propagados os memes). Ademais, o meme deste exemplo difere dos apresentados anteriormente no tocante ao objetivo pretendido através de seu conteúdo, pois enquanto todos os outros memes analisados possuem um teor humorístico, este está voltado a uma crítica social: o abandono de animais. Ressaltamos, portanto, que esse tipo de temática também é comum no gênero meme, já que ele trata sobre questões atuais de forma geral.

No que diz respeito ao evento linguístico por nós estudado, notamos neste exemplo, bem como ocorreu no exemplo anterior (Figura 6), um uso que vai de acordo com a norma padrão do português brasileiro: o emprego da variante *lo* em função complementar de objeto direto. Como observamos, o meme deste exemplo traz um conteúdo de cunho reflexivo, tendo em vista a crítica social evidenciada através dele e, diante disso, certamente, por se tratar de uma temática que exige mais seriedade, houve um policiamento por parte do criador do meme quanto à utilização da variante de acordo com a gramática tradicional.

Como já foi falado anteriormente, a substituição do pronome clítico de terceira pessoa como objeto por um pronome reto de terceira pessoa reflete uma característica de uso do português brasileiro falado, mas que também vem sendo percebida através da escrita, tal como observamos através dos memes dos exemplos de 1 a 5 desta seção. No entanto, ainda encontramos, apesar de raros, casos de uso do pronome oblíquo átono de terceira pessoa em função complementar de objeto direto, como ocorreu nos exemplos 6 e 7, e isso nos diz muito, pois, além da substituição que está ocorrendo, também percebemos com isso um apagamento dos clíticos. Notamos, desse modo, que está havendo um processo de modificação, a qual está tomando proporções cada vez maiores, tendo em vista sua grande recorrência nos contextos de uso da língua.

As duas categorias analisadas nesta seção demonstram claramente esse desaparecimento dos clíticos, primeiro por ser tão recorrente sua substituição pelo pronome reto *ele* e suas variantes, e segundo por ser tão raro seu uso, visto que durante a coleta dos dados, que se deu através das redes sociais, nos deparamos apenas com dois exemplares de memes (os únicos que constituem a categoria dois desta análise) em que aparece o emprego do pronome oblíquo na função de objeto. Não conseguimos identificar diferenças quanto à composição estrutural desses memes que justifiquem o uso dos oblíquos, pois os exemplares que constituem ambas categorias possuem as mesmas características: são compostos de

imagem e texto, buscam através de seu conteúdo provocar o humor (salvo o exemplo 7 que traz uma crítica social, o que também é comum encontrarmos nos memes). Assim, consideramos que por estar havendo essa mudança progressiva de desaparecimento dos clíticos, ainda é possível que nos deparemos vez ou outra com seu uso, apesar de bem raro.

Logo, o uso reduzido dos pronomes oblíquos e sua substituição pelo pronome reto de terceira pessoa nos memes reforça um possível princípio de mudança que está por emergir, em que há grandes chances de o pronome reto *ele* e suas variantes passarem a ser considerados e aceitos pela tradição gramatical como formas adequadas de uso da língua.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa tivemos como objetivo estudar o fenômeno da substituição de pronomes oblíquos por pronomes do caso reto como objeto em memes em redes sociais. Através das análises realizadas, constatamos que a recorrência desses casos nos memes é muito maior do que sugere a tradição gramatical, visto que o uso do pronome reto de terceira pessoa já está internalizado no falar dos brasileiros, se mostrando algo comum e natural não apenas na fala como também na escrita, assim como observamos através dos memes analisados.

Ademais, observamos que está havendo um apagamento dos clíticos devido ao emprego reduzido desse tipo de pronome, o que verificamos através da categoria de análise dois, em que encontramos apenas dois exemplares do gênero meme com a presença de tal pronome. Quanto a isso, ressaltamos, mais uma vez, que durante a coleta dos dados, que aconteceu durante o período de setembro de 2017 a abril de 2018, fizemos uma busca recorrente por memes que apresentassem tanto o pronome reto de terceira pessoa como o pronome oblíquo em posição de objeto direto. Porém, durante esses meses, nos deparamos apenas com dois exemplares de memes com a ocorrência do pronome oblíquo.

Sendo assim, tal qual apontam os estudiosos da língua acerca dessa mudança morfossintática do português brasileiro que vem ocorrendo em várias instâncias de uso da língua (SILVA E SILVA, 2014; BAGNO, 2004; CASTILHO E ELIAS, 2015; BATISTA, 2011), verificamos que tal mudança vem ocorrendo, também, nos memes que circulam nas redes sociais. Tal fato corrobora a ideia de que os gêneros textuais materializam, de fato, os usos linguísticos, confirmando um processo de mudança em curso que deve ser estudada e analisada e que pode refletir, pensando no contexto de sala de aula, em uma abordagem mais reflexiva da gramática. A partir disso, ressaltamos o caráter relevante da nossa pesquisa, bem como a nossa intenção de ampliá-la e aprofundá-la em outros contextos, de modo a contribuir, cada vez mais, com o estudo da língua em contextos diferentes de utilização.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. Eu consolo ele, ele me consola: as estratégias de pronominalização. In: \_\_\_\_\_. **Português ou brasileiro? : um convite à pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, pp. 99-108.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Gêneros do Discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARRETO, Krícia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet: Uma interface entre práticas rituais e estudos de face**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/296>>. Acesso em: 09/04/2018.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença: estudo introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BIEMBENGUT SANTADE, Maria Suzett. A metodologia de pesquisa: instrumentais e modos de abordagem. In: SIMÕES, Darcília; GARCÍA, Flavio (Orgs.). **A pesquisa científica como linguagem e práxis**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2014, pp. 95-109.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 157-176.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

DECAT, M. B. N. A relevância da investigação dos processos linguísticos, numa abordagem funcionalista, para os estudos sobre os gêneros textuais. In: ANTONIO, I. D. (Org.). **Estudos descritivos do português: história, uso, variação**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, pp. 169-189.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. Rev. Adm. Empres. São Paulo, v. 35, n. 3, Mai./Jun., 1995, pp. 20-29. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901995000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004)>. Acesso em: 13/05/2018.

GUERREIRO, Anderson; SOARES, Neiva Maria Machado. **Os memes vão além do humor: uma leitura multimodal para a construção de sentidos**. Florianópolis/SC, v. 12, n. 2, p. 185-208, jul./dez., 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v12n2p185>>. Acesso em: 09/04/2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONIZIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, pp. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, pp. 146-225.

MENON, O. P. S. **O sistema pronominal do português do Brasil**. Curitiba: Letras, 1995, p. 91-106. Disponível em: <<http://revistasufpr.br/letras/article/view/19069>>. Acesso em: 03/12/2017.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudar os usos linguísticos. Ou: a visão funcionalista da linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013, pp. 15-34.

SAUTCHUK, Inez. A classificação morfológica das palavras. In: \_\_\_\_\_. **Prática de morfossintaxe**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2010, pp. 15-36.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SILVA, C. R. T.; SILVA, F. E. V. **Aspectos morfossintáticos do português brasileiro sob a ótica das gramáticas contemporâneas: contribuições da gramática gerativa**. PPGL/UFPB, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/23442>>. Acesso em: 03/12/2017.

SOBREIRA, R. T. Bode Gaiato. **Museu de memes**, 2017. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/sermons/bode-gaiato/>>. Acesso em: 29/05/2018.

SOBREIRA, R. T. Suricate Seboso. **Museu de memes**, 2017. Disponível em:  
<<http://www.museudememes.com.br/sermons/suricate-seboso/>>. Acesso em: 29/05/2018.

SOUZA, Carlos Fabiano de. **Memes**: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. Campos dos Goytacazes/RJ: Vértices, 2013, p. 127-148. Disponível em:  
<<http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/2684>>. Acesso em: 04/12/2017.